

"É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que não almejam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessas penumbras cinzentas dos que não conhecem a vitória e tampouco a derrota."

**Theodore Roosevelt**

"Marcha soldado, cabeça de papel,  
se não marchar direito vai preso  
no quartel.  
Quartel pegou fogo,  
Tonico deu sinal,  
acode, acode acode,  
a bandeira nacional".

Quem nunca cantou essa cantiga e  
sonhava um dia ser soldado?

Eu tive a ideia de escrever sobre o período da caserna, quando depois de muitos e muitos anos, fui acionado com o Arildo através talvez do face ou instagran, não me lembro, e depois vieram também o Tadeu, onde depois de quase 50 anos tivemos a oportunidade de nos comunicar. E veio a criação de um grupo no whatss, e através disso, foi se criando uma conexão diária, onde tivemos a oportunidade de saber por onde andaria nossos companheiros de caserna. E veio o primeiro dos encontros reunindo antigos colegas e amigos que há muito estavam afastados do convívio daqueles que se mantiveram conectados ao longo do período do exercício do serviço militar obrigatório. Na verdade, isso nos trouxe uma forma

de tornar público o orgulho de termos convivido na caserna, onde aprendemos sobre o amor à pátria e sentimento do dever, além de valores como honestidade, lealdade, integridade, disciplina, que sempre nortearam nossa conduta como cidadãos, como profissionais nos diversos campos de mercado por onde qualquer um de nós, homens de bem, pode exercitar e mostrar suas virtudes.

Então, essa ideia, é para se mostrar as histórias, o convívio, o antes e o depois o que cada um de nós fez na vida, onde simples relatos de cada um de nós pode realizar, mostrando a experiência impar que milhares de brasileiros, assim como nós, tiveram a oportunidade de vivenciar por um ano de caserna, e relatar agora por onde e o que cada um fez na sua vida. As histórias, apesar de meramente muito simples, são lembranças saudosas dos bons tempos ali vivido. Tentaremos retratar essa passagem tão significativa e marcante de nossas vidas. E esse livro também é uma homenagem prestamos aos que tiveram a oportunidade de servir a pátria, de todas as épocas, e de todos os quartéis dos mais distantes rincões de nosso país.

“A caserna de todos nós” conta a história de um grupo de jovens que um dia se apresentaram voluntariamente para ao seu país, com o serviço militar obrigatório, por amor, patriotismo e honra, e em sua

essência, registra relatos sequenciais de suas vidas antes, durante e depois da caserna, onde é exposta as dificuldades enfrentadas por esse grupo de jovens, vivenciando uma realidade num mundo totalmente diferente do que até então viviam ou conheciam.

E nessa obra, escrita para tentar transportar ao leitor, o significado e a importância do grande esteio desse país, que é a oportunidade de um dia termos sido chamado de soldados do exército brasileiro.

E todos nós, que tínhamos sonhos de um dia estar no Exército ou não, tivemos a oportunidade de desfrutar e aprender muito com esse ano na Caserna.

Espero que esse pequeno livro, possa contribuir para que os jovens não tenham medo de servir a pátria, e sim buscar no serviço militar uma verdadeira escola de vida.

**Ademyr Olivio Bortot**  
**(Editor deste livro)**

Um pouco sobre...

## **Ademyr Olívio Bortot (sd 885 - BORTOT)**

1974!

Talvez poucos jovens tiveram a oportunidade de um dia prestar serviço militar. Pois todos são convidados mas poucos são os escolhidos! E entre esses escolhidos, eu me incluo nessa galeria de privilegiados que um dia pode conhecer o Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas em nossa capital federal, Brasília.

Me lembro de quando depois de tanto tentar não ir por problemas familiares (era arrimo como dizia na época), quando definitivamente foi me delegado a missão de ir servir exército, a partir daí toda a minha estrutura emocional começou a ser moldada para encarar esse grande desafio que era partir dali, Umuarama para Brasília.

Agora imagina, esse jovem rapaz, que desde meus dez anos de idade já trabalhava em definitivo para ajudar minha família, sempre me dedicando incansavelmente para tentar ser também o provedor da família juntamente

com minha mãe, pois meu pai nunca foi aquele homem de trazer proventos com frequência a família.

E aos dez anos comecei a entregar jornais na Gazeta de Umuarama, mas logo fui promovido a tipografo, e a partir daí fui me aprimorando cada dia mais nessa maravilhosa artes gráfica, vindo a ser talvez o melhor profissional que Umuarama teve enquanto a montagem de jornais era pela tipografia, sinto muito orgulho disso. Fiquei por 7 anos e meio na Gazeta de Umuarama.

Sai da Gazeta de Umuarama convidado para montar um jornal concorrente, que era e é esse grande jornal Umuarama Ilustrado. Literalmente eu montei toda a estrutura tipográfica para se criar um jornal, e tenho um orgulho fantástico disso, em ter feito o número UM de um jornal que se tornou referência na região norte do paraná. Lembro que minha mãe, quando comecei na Gazeta, conseguiu que eu fizesse exame de admissão (lembra? Pois quem terminava o 4.o ano tinha que fazer exame de admissão para seguir para o ginásio. E eu havia terminado o terceiro ano, e me inscrevi no exame de admissão e passei, conseguindo o direito de ir para o ginásio sem fazer o 4.o ano.

E lá fui ao 11 anos estudar com os adultos à noite, para que eu trabalhasse de dia. Foi um amadurecimento fantástico, pois com aquela idade eu convivía com os adultos do jornal e a noite meus colegas de classe. Época

difícil, mas deliciosa, correria sem fim, de casa ao trabalho, e do trabalho para a escola a noite.

Mas sempre fui feliz nessa correria, e sabia aproveitar meus fins de semana, sempre pescando, caçando e jogando muita bola enquanto não se pensava em paquerar as meninas.

Sempre fui muito empolgado pelas aqueles bailinhos em casa de amigos (brincadeiras dançantes que a chamávamos), e era muito divertido aquela fase de minha vida. Mas aí vem a convocação, o alistamento, e com isso já vem um crescimento de maior maturidade, pois a gente já sabia mais ou menos o que iríamos enfrentar numa caserna como recruta. E isso trazia uma ansiedade infinita, uma inquietude da alma, pois tínhamos que deixar a nossa história, a nossa vida, os amigos, os familiares, e pela primeira vez enfrentarmos o mundo longe de nossa zona de conforto.

E lá fomos nós em direção a caserna no mês de maio de 1974, com o coração sangrando pela esperança de participar do exército mas com muito temor daquilo que pode advir em termos de convivência com pessoas totalmente diferentes do seu habitat.

Mas todo o temor se desfez quando a gente percebe que aquilo que me afligia e me emudecia, também meus companheiros sentiam, pois éramos e vivíamos as mesmas expectativas.

A chegada no RGG, designado para o 4.o esquadrão, que era de serviço e não de cavalaria, já foi um alívio, não me imaginava tendo que cuidar de cavalos e limpar estábulos por lá, rrsr.

Estar e participar do 4.o esquadrão me trouxe um crescimento físico e emocional muito forte, onde através das amizades e muito companheirismo, pude me ver como um homem resiliente e muito empático.

No quartel, entre outras atividades, tive o grande privilégio de fazer parte da Guarda a bandeira dos Dragões da Independência, na solenidade que apresentávamos as segundas e quintas feiras, no palácio do Planalto recebendo pela manhã e à tarde o presidente que na época era o general Ernesto Geisel.

Uma curiosidade que lembro aqui, era o fato que já naquela época (1974/1975) já tínhamos conhecimento de quem seria o presidente que iria assumir em 1978, pois o mesmo, Joao batista de Figueiredo era um assíduo arroz de festa de nosso regimento, onde o mesmo ia pela manhã e à tarde praticar equitação. E também já morava na Granja do Torto com as honras de presidente. Pra quem não se lembra, esse foi o tal presidente que disse em alto em bom tom que preferia o cheiro de cavalos do que o cheiro do povo!

Mas foi um ano que jamais esqueci. Pelo meu crescimento como homem, como cidadão, com as

vivências e as experiências que só quem passa por um caserna pode ter, pois nenhum homem que passa por um quartel, jamais volta a ser como antes. E inacreditável as mudanças que fizeram em mim como ser humano, vou morrer agradecendo ter tido essa oportunidade de ter vivido aquele ano junto aos meus companheiros.

Maio de 1975. Mês da baixa. Mês de dizer adeus aquilo tudo. Mês da despedida. Mês de voltarmos a nossa realidade. Mês de recomeçar nossa vidas civis já sabendo que já não eramos mais como antes, mês de voltar a nossa cidades. Mês de chegar a nossa cidade e rever os amigos e os familiares, e ver o quanto você volta diferente sobre o olhar daquilo que havíamos deixado. Mês de voltarmos às nossas raízes, a olhar sobre a profissão, sobre o que iríamos fazer da vida, o que queríamos de agora em diante. Mês de direcionar nossas ambições ou não, crescer mais ou não, escolher novas coisas pra seguir em frente, pois agora tínhamos muito mais ferramentas emocionais e visão mais aguçada e preparada para a vida. Estávamos preparadíssimos para muito mais em nossas vidas.

As dúvidas e as incertezas que um dia tínhamos, hoje não mais temos, pois crescemos tanto que quando desafio daquele momento para a frente só nos colocava em condições de combate como um bom soldado que aprendemos.

Na minha volta, eu tinha vontade de não continuar trabalhando em jornais mais, e por indicação arrumei emprego no Banco Mercantil de Umuarama, e começaria a trabalhar na semana seguinte. Enquanto isso, fui até ao jornal Tribuna do Povo, onde eu tinha vários amigos trabalhando por lá. E enquanto lá, me deparei com o dono do jornal, sr. Said Silva Neto, famoso agricultor também por lá, e me perguntou sobre o que eu estava fazendo e eu respondi que iria começar a trabalhar no banco na semana seguinte. Olha, esse homem olhou pra mim e me disse: as artes gráficas não podem deixar um profissional como vc sair da área! E na sequencia me perguntou quanto eu iria ganhar, e na minha resposta ele foi categórico: pago 50% a mais para vc trabalhar comigo. Muito sério isso! Bom, não tive escolha e no dia seguinte já estava trabalhando na Tribuna do Povo.

E na Tribuna do Povo era um jornal que tinha muitos planos de crescimento, pois ainda era tudo feito à mão (na tipografia), e o jornal circulava duas vezes por semana, e o projeto era para ser um dia diário. E depois de algum tempo o sr. Said comprou uma máquina de Linotipia (uma forma mecânica de se fazer as linhas, alinhando letra por linhas tipo máquina de escrever) isso já era a modernidade da época. Então o homem comprou a linotipo mas não havia um ser humano em Umuarama que conhecesse essa máquina, então ele teve que trazer de São Paulo um